



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III – GUARABIRA  
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**

**TATYANA KELLY GONÇALVES DE MORAIS**

**A REPRESENTAÇÃO DA INFÂNCIA EM “A BOLSA AMARELA”,  
DE *LYGIA BOJUNGA***

**GUARABIRA**

**2019**

**TATYANA KELLY GONÇALVES DE MORAIS**

**A REPRESENTAÇÃO DA INFÂNCIA EM “A BOLSA AMARELA”,  
DE *LYGIA BOJUNGA***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras Português.

**Área de concentração:** Literatura Infantil e juvenil

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Rosângela Neres Araújo da Silva.

**GUARABIRA**

**2019**



TATYANA KELLY GONÇALVES DE MORAIS

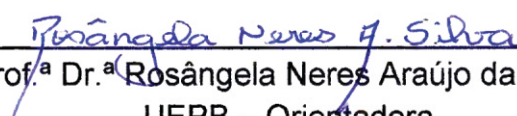
**A REPRESENTAÇÃO DA INFÂNCIA EM “A BOLSA AMARELA”,  
DE LYGIA BOJUNGA**

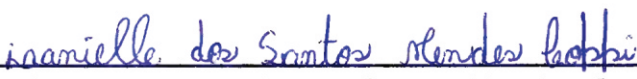
Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Departamento do  
Curso de Letras da Universidade  
Estadual da Paraíba, como requisito  
parcial à obtenção do título de  
graduada em Letras Português.

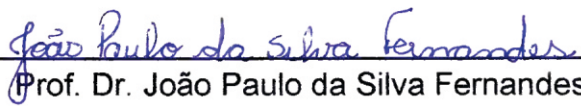
**Área de concentração:** Literatura  
Infantil e Juvenil

Aprovada em: 29 / 11 / 2019.

**BANCA EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosângela Neres Araújo da Silva  
UEPB – Orientadora

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Ma. Danielle dos Santos Mendes Coppi  
UEPB – Examinadora

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. João Paulo da Silva Fernandes  
IFPB – Examinador

A todos que moram no meu coração, pela torcida, pela dedicação, companheirismo e amizade, DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, por toda graça que Ele me tem concedido.

À professora Rosângela por todo incentivo, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação, pela paciência e pela dedicação.

Ao meu pai Galdino, meu rei, meu fã número 1, a minha mãe Maria, minha rainha que me acompanhou em todo o processo, a minha avó Glória que sempre está orando por mim, a minha irmã Ana, ao meu Marley que sempre estava ao meu lado nas manhãs, tardes, noites e madrugadas.

Ao meu noivo Diego que sempre está me dando força me dizendo sempre que eu ia conseguir, sempre ao meu lado, fazendo o possível por mim, meu maior incentivador.

A minha melhor amiga Fátima, mesmo de longe está sempre me apoiando, torcendo por mim, me ajudou bastante em toda caminhada acadêmica. Minha irmã de coração.

A minhas amigas Rosy, Tati, Letícia, Ana Paula, meu amigo Felipe que sempre estiveram na torcida por mim.

A todos que direta e indiretamente contribuíram para este trabalho, aos professores que compartilharam seus conhecimentos ao longo da graduação.

Gratidão!

“A imaginação é a memória que enlouqueceu.” (QUINTANA, 2012, p. 112).

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL: ORIGEM E CONTEXTO</b> .....	<b>11</b>
<b>3</b>	<b>A NARRATIVA PARA CRIANÇAS E JOVENS</b> .....	<b>16</b>
<b>4</b>	<b>RAQUEL E SUAS VONTADES: REPRESENTANDO A INFÂNCIA</b> .....	<b>21</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>27</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>28</b>



## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo a apresentação de um apanhado sobre uma das maiores literaturas do mundo, a Literatura Infantil e Juvenil, bem como uma análise de uma das narrativas exclusivas da autora Lygia Bojunga, *A Bolsa Amarela*. Com relação a literatura que enfoca esta pesquisa verificamos que é um campo literário que vem crescendo e ganhando espaço ao longo dos anos. Além de Lygia, esta análise destacará os principais autores nacionais e internacionais que deram início a esse viés literário, ou seja, os precursores; acrescido a isso será apresentado o contexto utilizado nos textos da literatura infanto-juvenil. A pesquisa mostrará os métodos que são utilizados para a criação de uma narrativa para crianças, os aspectos presentes no texto direcionado ao público infanto-juvenil, a distribuição de obras e suas características através das faixas etárias. Como foco desta análise selecionamos a obra *A Bolsa Amarela*, da autora Lygia Bojunga, abordando a representação que a criança precisa ter na sociedade através da protagonista *Raquel*. Esse texto ajudará a entender as principais características que a infância possui, e como se pode respeitar e compreender as vontades de uma criança através de sua imaginação, além disso, a narrativa será trabalhada na perspectiva de quebra de repressões e preconceitos em relação à infância e à adolescência.

**Palavras-Chave:** Literatura infantil; Infância; Respeito.

## ABSTRACT

This paper aims to present an overview of one of the world's largest literatures, Children's and Youth Literature, as well as an analysis of one of the exclusive narratives of author Lygia Bojunga. Regarding the literature that focuses on this research we find that it is a literary field that has been growing and gaining space over the years. In addition to Lygia, this analysis will highlight the main national and international authors who initiated this literary bias, ie the precursors; In addition to this, the context used in the texts of children and youth literature will be presented. The research will show the methods that are used to create a narrative for children, the aspects present in the text aimed at children and young people, the distribution of works and their characteristics across age groups. As focus of this analysis we selected the work *A Bolsa Amarela*, by author Lygia Bojunga, addressing the representation that the child needs to have in society through the protagonist Raquel. This text will help to understand the main characteristics that childhood has, and how one can respect and understand the wishes of a child through his imagination. In addition, the narrative will be worked from the perspective of breaking repressions and prejudices regarding childhood and childhood. the teenage years.

**Keywords:** Children's Literature; Childhood; Respect.

## 1 INTRODUÇÃO

A infância é uma das fases mais importantes na vida do ser humano, é considerada a fase mais bela que qualquer pessoa pode viver. Um dos aspectos que está presente no desenvolvimento infantil é a leitura. A partir dos primeiros anos, a criança já pode entrar em contato com o mundo literário, sendo transmitida por adultos e logo mais poderá ter autonomia de ler sozinhas. Assim foi desenvolvida ao longo dos anos a Literatura Infantil, uma das literaturas mais importantes e mais produzidas no mundo inteiro.

Através de Charles Perrault, pudemos ver o início da Literatura Infantil, sucedida por vários autores, como os irmãos Grimm, Lewis Carroll, e tantos outros com suas obras famosas que rodearam o mundo. Na produção nacional observa-se que Monteiro Lobato foi o destaque nas histórias infantis, conhecido como o iniciador desse viés literário no Brasil, em seguida surgem outros autores como Joel Rufino dos Santos, Chico Buarque, Lygia Bojunga, Marina Colasanti, entre outros. Foi uma das literaturas que mais cresceu ao longo dos anos.

Veremos que a Literatura infantil também é dividida pelas faixas etárias, para adequar os jovens leitores a cada obra, mas não são regras gerais, como diz Cunha (2003): *“são apenas pontos de referência, generalizações que podem não se confirmar diante da criança específica que temos diante de nós.”* (p. 100), ou seja, possa ser que uma criança de cinco anos já consiga ler histórias da fase de crianças de sete anos de idade, vai depender do contexto em que ela está inserida e do nível de letramento literário que ela possui.

Existem muitos meios de inserção da criança no mundo da literatura, mas o mais indicado e desejável é que seja pelos livros. Há livros que são ricos em cores, ilustrações e que assim chamam a atenção do leitor mirim, a criança se atém mais aos livros quando eles são chamativos, quando a capa tem algo interessante, um desenho bem colorido, por exemplo, e isso são aspectos que destacamos na narrativa infantil. Precisa ser ativa, dinâmica, não pode ser longa e cansativa. Para as crianças maiores de 8 – 9 anos, se faz necessário a

presença de histórias que envolvam o mundo heroico, pois é através desse meio que identificamos a preferência dos que compreendem essa faixa etária.

Nas obras da autora Lygia Bojunga, percebemos que ela aborda temas que são bem vivenciados na vida real, e são leituras bastante fluídas, não são leituras que cansam o público leitor, segundo CADEMARTORI (2006, p. 65): “*Os capítulos são ordenados sem preocupação com a ordem cronológica.*” e mesmo assim não são histórias confusas e sim de fácil compreensão para os leitores. E geralmente, a autora sempre traz, implicitamente, uma lição de moral no final de cada obra, sendo de superação, de aceitação. Ela busca trazer o imaginário através da realidade, como diz Cademartori (2006):

Em lugar de afirmações absolutas, incentiva a reflexão crítica que examina novas ordenações e mudanças de funcionamento na estrutura social. A fantasia desmistifica o real, propondo novas ordens. (...) E, na reordenação do real em que se constitui sua ficção, propõe um novo modelo de família e de escola, onde não há papéis prefixados e onde a troca de experiências é valorizada, o diálogo aberto, a opinião livremente exposta e tudo se cria. (CADEMARTORI, 2006, p. 65).

Como podemos observar no livro *A Bolsa Amarela*, uma criança que convive entre cinco adultos, onde ela tenta se adaptar ao meio familiar, mas por ser só uma criança, eles já acelerados no seu cotidiano, no trabalho, no estudo, não dão atenção a Raquel (protagonista), e é isso que Lygia Bojunga retrata em suas obras, novos modelos de famílias, modos de vida das crianças nesses novos moldes. E é isto que vemos na sociedade hoje em dia, assim quando uma criança que vive em uma situação que se assemelha a da personagem, ela se identifica prontamente e se familiariza com o livro.

Importante também destacar que o diálogo nas obras da literatura infantil, são de extrema importância para encaixar o leitor na história, assim como podemos ver no trecho a seguir da obra analisada, *A Bolsa Amarela*, de Bojunga (2005):

O vento soprou mais forte. As pipas abanaram o rabo e sumiram atrás das nuvens. Ficamos esperando um tempão. Mas elas não apareceram mais. Aí o Afonso resolveu:

-- Bom, tá na hora de sair pelo mundo.

-- Mas você já vai hoje?

-- Agorinha.

-- Mesmo?

-- Mesmo. (BOJUNGA, 2005, p. 133)

Assim percebemos que a obra não fica tão cansativa com a presença dos diálogos entre os personagens. No decorrer deste trabalho, nos aprofundaremos um pouco mais nesses pontos que citamos anteriormente, tomando por base teórica as autoras: Regina Zilberman, Lúcia Cademartori, Lygia Bojunga, Teresa Colomer, Maria Antonieta Antunes Cunha.

## **2 A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL: ORIGEM E CONTEXTO**

A história da Literatura Infantil surgiu por volta do século XVII através do francês Charles Perrault, que é apontado como o iniciador desse gênero literário (o precursor é conhecido também como o pai da literatura infantil), tratando um enfoque interdisciplinar, utilizando histórias folclóricas e fazendo adaptações pedagógicas para poder passar os contos de fadas para serem lidos e ouvidos pelo público infantil, de acordo com Cademartori (2006):

Na verdade, a análise dos contos de Perrault requer um enfoque interdisciplinar, sendo que os problemas que suscita não se restringem à teoria da literatura, à sociologia, à psicanálise ou ao folclore, mas reclamam uma união desses enfoques que relacione os diversos elementos que integram o texto e resolva as inúmeras contradições com que o analista se defronta. (CADEMARTORI, 2006, p. 34).

O autor Charles Perrault trabalhava vários componentes dentro de suas histórias, ou seja, não devemos olhar somente pelo lado literário, pois, além disso, há também cunho psicológico, folclórico, sociológico, sendo abrangidos dentro de uma só história. Então ele adaptava lendas urbanas e, até acontecimentos que havia naquela época (como crimes) que eram contadas pela população nas ruas e transformava-as em contos de fadas, sendo assim recebidas pelo público mirim. Como afirma Zilberman (2014):

Os primeiros livros que, quando foram editados, destinavam-se principalmente às crianças continham histórias recolhidas da tradição

oral e redigidas agora com o olho nas potencialidades do novo público. (ZILBERMAN, 2014, p. 90).

Assim eram criados os contos de fadas de Perrault: um apanhado das histórias populares que se transformavam em contos de fadas cheios de magia, destinados ao público infantil. As histórias continham vários elementos sociais, como vemos em *Cinderela*: enteada da vilã, pobre, empregada da casa da madrasta com três irmãs, sofre muito nas mãos delas no decorrer do conto, em seguida tem sua fada madrinha que aparece para lhe salvar, por fim acaba com o príncipe que era cobiçado por suas irmãs e tem seu *Feliz para sempre*. Na maioria das vezes é assim, começa uma narrativa bem triste, cheia de dificuldades enfrentadas pelos (as) protagonistas e passam pelas dificuldades, mas sempre ao desfecho se dão bem. E sempre podemos perceber uma multidisciplinarietà em cada conto, como diz Cademartori (2006):

Seus contos, em alguns momentos, caracterizam-se por um certo sarcasmo em relação ao popular. Ao mesmo tempo, são marcados pela preocupação de fazer uma arte moralizante através de uma literatura pedagógica. (CADEMARTORI, 2006, p. 36).

Nota-se que ele abrangia situações que se passavam no cotidiano daquela época e transformavam-nas em momentos mágicos para serem contados às crianças que precisavam ver um mundo mais belo por serem ainda tão inocentes. Creiamos que Perrault não achava justo que os pequenos vissem o mundo em sua versão ruim e, que assim, ele transformava histórias tristes e pesadas, em contos de fadas, como afirma Cademartori (2006):

O trabalho de Perrault é o de um adaptador. Parte de um tema popular, trabalha sobre ele e acresce-o de detalhes que respondem ao gosto da classe à qual pretende endereçar seus contos: a burguesia. (CADEMARTORI, 2006, p. 36).

Narrativas como *Chapeuzinho Vermelho*, *O Gato de Botas*, *A Bela Adormecida* e *Cinderela* são conhecidas até hoje por todo o mundo e ganharam várias adaptações de novos leitores que trabalhavam em adicionar novas cenas e até novos desfechos em livros, peças teatrais, filmes, etc., criando novas histórias a partir do original, fazendo o mesmo que o Perrault. Se imaginássemos as histórias sem a adaptação que ele fazia para serem contos

de fadas para crianças, elas seriam conhecidas como contos de terror, como podemos observar, a seguir, nas palavras de Cademartori (2006):

Quando se consideram as narrativas coletadas, portanto, é preciso levar em conta dois momentos: o momento do conto folclórico, sem endereçamento à infância, circulando entre adultos, e, mais tarde, a adaptação pedagógica com direcionamento à criança. (...) Maravilhosos ou humorísticos, os contos populares, antes da coleta, destinavam-se ao público adulto e eram destituídos de propósitos moralizantes. Na conversão da literatura popular em infantil, Perrault revela o modelo educativo imposto a ele e a sua época. (CADEMARTORI, 2006, p. 40).

O que demarca a realização do trabalho através dessa forma era o momento político que era vivenciado naquela época, aspectos morais que eram impostos pela Contra-Reforma, “a valorização do pudor, mas, antes de mais nada, a cristianização” (CADEMARTORI, 2006, p. 41), ou seja, era preciso adaptar os contos de acordo com as exigências políticas.

Logo mais, a Literatura Infantil é conhecida também por volta do século XIX, surgem os Irmãos Grimm na Alemanha, que até a contemporaneidade são conhecidos pelas fábulas e pelas histórias, como de *João e Maria*, *Rapunzel*, *Branca de Neve*, entre outros. E em seguida surgem vários outros literários voltados para a Literatura Infantil pelo mundo, podemos citar Christian Andersen, dinamarquês, conhecido pelas obras *O Patinho Feio*, *A Pequena Sereia*, *O Soldadinho de Chumbo*; Lewis Carroll, inglês, conhecido pela obra mundialmente conhecida, *Alice no País das Maravilhas*, que ganhou versões cinematográficas com muito destaque. Podemos referir também Collodi, criador de *Pinóquio*, escritor italiano. Todos estes citados e muitos outros contribuíram bastante para ampliar os meios de propagação desta Literatura tão importante para a sociedade antiga e contemporânea.

No Brasil, a Literatura Infantil surge a partir de Monteiro Lobato, conhecido por ser o criador de *Jeca Tatu*, *Sítio do Picapau Amarelo*, obra bastante conhecida, ganha também adaptações na televisão, em filme, seriado, e é conhecida até hoje. Lobato mostrava questões sociais dentro das narrativas, retratando em sua obra aspectos do cenário rural brasileiro, trabalhando com personagens reais e folclóricos, como por exemplo, a Cuca, o Saci-Pererê, criando assim histórias totalmente nativas, relacionando as lendas amazônicas. Porém, naquele tempo ainda havia influência do estrangeiro, o

momento em que o Brasil deixara de ser Colônia, ainda tinha imposição de tratar de costumes europeus, tanto que nas obras que eram criadas, tinha que ter pelo menos alguma parte em que se referisse a algum aspecto europeu, tornando-se histórias mescladas entre o que era brasileiro nativo e o que era Brasil português, de acordo com Cademartori (2006):

Assim, desenvolveram-se, paralelamente, dois tipos de cultura no Brasil: uma europeia, elitista, livresca; outra, nativa, popular, agráfica. Nessa medida, educar passou a significar a restrição e o deslocamento no nacional em favor da imposição da cultura estrangeira. O intelectual, entre nós, passou a ter função de importador de cultura, sem questionamento ideológico, acolhia as soluções pré-fabricadas do estrangeiro. (CADEMARTORI, 2006, p. 45).

Nesse tempo em que o Brasil passava pela transição das influências europeias para as nativas, ainda não tinha a independência nas produções artísticas “O Brasil vivia um período de euforia nacionalista, estimulado pelo Estado Novo, regime ditatorial imposto por Getúlio Vargas” (ZILBERMAN, 2014, p. 93), os escritores da época tinham que seguir o modelo europeu, e os que criavam seguindo vieses nativos, era tido como ousados, mas ainda assim ganhavam destaques e eles propagavam suas obras, como diz Zilberman (2014):

Nem todas obras de literatura infantil que se valiam do folclore, ou de histórias originárias da tradição popular, caminhavam na direção desejada pelo poder dominante. Porém, elas reproduziam uma visão conservadora da cultura popular, mesmo quando os autores tinham participado direta ou indiretamente do movimento modernista (...). (ZILBERMAN, 2014, p. 93 – 94).

A maioria dos escritores gostava de criar histórias urbanas, voltadas à burguesia, obras que eram adquiridas pelos ricos, ainda estavam arraigados ao que era de fora. Só alguns escritores que criavam para os menos favorecidos, contavam lendas e histórias do imaginário indígena.

A partir de Lobato, começaram a surgir outros escritores da Literatura infantil também conhecidos, e até hoje surgem novos escritores que ajudam a ampliar essa literatura tão importante, e através desses autores que há o surgimento de livros para crianças de todas as idades, sendo adaptado ao modo de compreensão de cada leitor mirim.

O mercado de livros infantis, no Brasil, oferece, hoje, produções de boa qualidade para todas as faixas etárias, a partir de livros para crianças que ainda não sabem ler: são os livros sem textos que recorrem, exclusivamente, à linguagem visual. (CADEMARTORI, 2006, p. 52).

Vale destacar que o folclore e a magia são elementos importantíssimos na construção das histórias infantis: animais falantes, objetos que possuem vida, fadas madrinhas, bruxas, elfos, bonecas humanizadas, cuca, sacis, entre outros, são elementos bastante usados na construção de histórias infantis, mesmo que não sejam reais, eles abrem o caminho para a imaginação da criança. Além disso, as narrativas devem ser vivas, movimentadas, dinâmicas para não cansar e entediar os leitores, contudo destacamos a importância do cunho imaginário nos contos infantis, permitindo assim que as crianças possam imaginar os personagens, as cenas e que possam vivenciar a história ao lê-las. E também, é importante que as obras impressas tenham imagens e cores para ajudarem na captação de atenção dos leitores e para ajudar a desenrolar a história.

Contudo, não devemos subestimar a capacidade da criança, pois elas já nascem com o poder comunicativo, por isso nunca é cedo demais para começar a introduzir a criança no mundo literário, de acordo com Colomer (2017):

Antigamente, os livros dirigidos aos pequenos eram quase exclusivamente os abecedários ilustrados, já que, até que as crianças não tivessem aprendido a ler, não lhes eram oferecidos livros com verdadeiras histórias. (COLOMER, 2017, p. 33).

Dessa forma, temos visto vários tipos de livros sem o objetivo de contar histórias para crianças de qualquer idade, com imagens, personagens, cenas, criando um ambiente de leitura entre adultos e crianças, sem ter a pressa de que a criança precise saber ler para poder entrar em contato com os livros.

Assim, vemos o quanto é importante trabalharmos a Literatura para todas as idades e, devemos entender que a Literatura é muito além que meras palavras, ela aborda muitos aspectos que são importantes na vida das pessoas. Deve-se observar que a Literatura infantil e juvenil atende à todas faixas etárias, visto que antes de um livro ser apresentado a uma criança, ele



passa por um adulto, ou ele irá ler ou já tem o conhecimento. A partir de Colomer (2017):

A arraigada ideia de que os livros infantis servem basicamente para formação moral da infância levou a analisar, sobretudo, os valores transmitidos pelos contos. No entanto, se aumentasse a atenção dedicada a pensar que, ao mesmo tempo, os livros servem para aprender a ler literariamente, a literatura infantil poderia ser julgada também pelos parâmetros de sua eficácia nesta tarefa. (COLOMER, 2017, p. 31).

Assim, a literatura também serve para trabalhar assuntos recorrentes na vida através das histórias e recheadas de imaginação, pois a Literatura é coletiva, trata de todos os assuntos em que vivemos em nosso cotidiano. Ela nos ajuda em nossa construção, como diz Teresa Colomer (2017, p. 21): “*No campo da psicologia, a corrente psicanalítica foi a primeira a destacar a importância da literatura na construção da personalidade*”, assim podemos observar que é extremamente importante iniciarmos a Literatura a partir da infância para tornar um hábito contínuo na vida das pessoas e termos seres humano com um alto grau de conhecimentos que a leitura pode nos proporcionar.

Podemos dizer que a Literatura é uma abertura para novas histórias, novas superações, novos caminhos em que vivemos em nosso dia a dia; ela nos ajuda a vermos o mundo com mais sabedoria, a termos nossas próprias opiniões, ela amplia nosso conhecimento e, para uma criança então, é poder crescer com a possibilidade de uma vida social e intelectual rica em qualquer assunto do cotidiano.

### **3 A NARRATIVA PARA CRIANÇAS E JOVENS**

O gênero textual que o público infantil mais se identifica é a *narração*. O que a criança mais gosta é a contação de história presente nesse tipo de texto. A narração abrange as fábulas, os contos de fadas, romances, crônicas, biografias. Esses gêneros textuais são os mais atrativos às crianças e jovens

por possuir uma forma de leitura mais fluída, com aspectos que chamam mais a atenção.

A narrativa para crianças e jovens possui vários aspectos literários que distingue a Literatura Infantil e Juvenil das demais. De acordo com Alceu Amoroso Lima (apud.): “*É preciso fazer compreender à criança que a leitura é o mais movimentado, o mais variado, o mais engraçado dos mundos.*” (p. 97), ou seja, deve-se buscar um movimento, uma interação nas narrativas para o público mais jovem. Sendo assim, buscamos definir um dos critérios mais importantes nessas narrativas: o movimento.

Este movimento presente nas narrativas infantis e juvenis é necessário para fazer com que a história seja interativa com os leitores, assim são definidos cinco aspectos que compõem a narrativa infantil e juvenil para manter a história viva. O *primeiro* é o tipo de discurso, que deve ser direto ou indireto livre. Como a narrativa deve ser fluída para manter a atenção dos leitores, o ideal é que haja diálogos entre os personagens, deixando assim uma interação entre eles e o leitor, assim também cria um realismo às cenas que estão sendo lidas. Também não deve ser apenas conversas, mas que haja a descrição da história, sendo assim necessário o discurso indireto livre e que não seja muito extenso, sem muitas descrições para não deixar o texto muito longo.

O *segundo* aspecto são as personagens planas, pois são mais simples e de mais fácil compreensão, satisfazendo o leitor em ver um personagem se manter do mesmo modo no decorrer da narrativa. Não há necessidade de terem-se personagens redondas, pois são complexas e em uma narrativa infanto-juvenil não é desejável, porque complica o entendimento da história para o público leitor, as crianças e jovens.

O *terceiro* e o *quarto* ponto é o enredo que deve ser linear em que ocorre uma história com uma boa desenvoltura de fácil compreensão, que tenha ação para poder tornar a narrativa mais ativa e o tempo cronológico, sem voltas ao passado, sem pensamentos longos (psicológicos), pois assim dificultaria a história para os leitores e se tornaria chato e cansativo.

O *quinto* aspecto trata-se do desfecho que deve ser positivo, deve ser feliz. A maioria das histórias destinadas ao público infantil e juvenil possui este tipo de desfecho, pois já é um final em que eles esperam, segundo CUNHA (2003, p. 99): “*Normalmente ela vive a história, identifica-se com a personagem simpática, e o final desagradável a feriria inutilmente.*”, a criança não gostaria de ler um final trágico após se identificar com sua personagem preferida da história. Mas não é obrigatório que seja assim, porém alguns autores não têm a preocupação de criar um desfecho feliz para as narrativas infantis, mas também não tratam de um final que seja muito trágico a ponto de ferir a imaginação da criança. Sendo assim, CUNHA (2003, p. 101) diz que “*O importante mesmo é que as crianças ou jovens estejam em contato com todo tipo de obra literária e façam as suas opções.*”, mesmo que as obras não abordem os aspectos citados acima, é louvável que os leitores estejam sempre em contato com o mundo da literatura para poderem ter um vasto conhecimento através da leitura.

Além dessas características que a narrativa infantil possui, ela é dividida em faixas etárias, de acordo com CUNHA (2003, p. 99): “*Para a literatura infantil, têm sido consideradas três dessas fases: a do mito, a do conhecimento da realidade e a do pensamento racional.*”, essas fases ajudam a subdividir ou selecionar os tipos de narrativas de acordo com a idade das crianças e jovens, porém não quer dizer que especificamente seja “ao pé da letra” essa divisão, dependerá do leitor e do nível de conhecimento e aprendizagem que ele possui.

Podemos perceber que algumas crianças e jovens *julgam o livro pela capa*, se tratando principalmente das crianças levamos a sério esse ditado, pois quanto mais colorida e cheia de imagens for a capa, mais a criança se sentirá atraída pelo livro. Então se determina que a primeira faixa, que são de crianças de 3-4 a 7-8 anos, é a fase dos *mitos*, composta por narrativas maravilhosas, como as fábulas, os contos de fadas, onde os personagens são objetos ou animais personificados, ajuda na construção de imaginação nas crianças dessa primeira fase e, a partir daí começa a compor e ampliar o conhecimento literário do leitor. Como cita Cunha (2003):

Não existe para ela diferença entre realidade e fantasia, e a leitura a ser feita para criança desta época é a que também não faz essa distinção: a literatura de maravilhas. Os contos de fadas, as lendas, os mitos e as fábulas são especialmente adequados a essa idade. (CUNHA, 2003, p. 100).

O projeto do Itaú Cultural, chamado *Leia para uma criança*, tem distribuído livro em formato digital e em formato PDF para essa faixa etária gratuitamente, e são interessantes para uma possível interação de adultos com as crianças, são algumas histórias já conhecidas, ilustradas e, se lida pela internet, têm animações, sons tornando assim histórias bastante interativas e lúdicas para os leitores. Obras como *O Cabelo da Menina* de Fernanda Takai; *Azizi*, *O Menino Viajante*, de Conceição Evaristo, *Chapeuzinho Vermelho*, dos Irmãos Grimm fazem parte deste projeto e ele apresenta as narrativas que são adequadas para esse público leitor específico.

A partir de 7-8 a 11-12 anos as histórias já começam a serem um pouco mais realistas, mas ainda com alguns aspectos fictícios. Histórias fantasiosas e com ação fazem parte do imaginário da criança que está partindo para a adolescência, aqui se instala a fase do *conhecimento pela realidade*, ou seja, é uma mistura de fatos que fazem parte da realidade do leitor com ênfase na fantasia. Segundo Cunha (2003):

Esta fase é chamada *robinsonismo*, porque serve de modelo à época o herói de Daniel Defoe, Robinson Crusoe. A literatura adequada às crianças dessa idade é o romance de aventura, o relato histórico. Os relatos mitológicos, os heroicos (sobre o princípio da vida dos povos), os de viagens e façanhas, as histórias regionais, nacionais e universais (atualmente a literatura espacial) são muito apreciados. (CUNHA, 2003, p. 100).

É a fase mais ligada à historicidade de muitos escritores que eram aventureiros e através de suas narrativas traziam textos repletos de ações que são apreciados por esse público mais jovem. Também observamos que os romances de aventuras são predominantes nessa fase, geralmente lidos por meninas que gostam mais desse viés literário, em que há a mocinha indefesa e seu herói que ao final da história a salva do perigo e, na maioria das vezes, acontece o *Felizes para sempre*. Não foi no caso de *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, não teve o final feliz, mas pelo menos conseguiram ficar juntos, mesmo que mortos. Observamos também que *A Saga de Harry Potter*, de J. K.

Rowling, *As Crônicas de Nárnia*, de C. S. Lewis são obras que podem exemplificar as narrativas para os leitores dessa faixa etária, são obras de sucesso que hoje são lidas por pessoas de qualquer idade, mas que são mais frequentes nos gostos literários de adolescentes e jovens.

A terceira e última fase da narrativa infantil e juvenil é a do *pensamento racional*, que abrange a faixa etária de 11-12 anos até a adolescência. Aqui já podemos observar que são narrativas mais maduras, com histórias mais voltadas para o *eu-leitor*, despertando sentimentos que são semelhantes a vida real, os leitores se identificam com os personagens e já não são mais histórias totalmente fantasiosas,

As questões pessoais adquirem valor extraordinário, daí o interesse pelo romance em geral. A literatura romântica, pelo caráter de seus heróis e por seus temas, é muito bem aceita nessa idade. (CUNHA, 2003, p. 100 e 101).

As obras que estão inseridas nessa faixa de idade, já tratam assuntos de cunho social, que podem ser vivenciados por qualquer pessoa. Sendo assim, as histórias são adaptadas para tratar de um assunto sério, mas que não seja tão impactante para não ferir a imaginação desse público leitor:

Sobretudo para essa faixa etária, vem desenvolvendo-se no Brasil, desde 1975, a chamada “literatura realista para crianças”, exemplificada especialmente pela “Coleção Pinto”, da Editora Comunicação. Esse tipo de literatura pretende levar à criança assuntos até agora “malditos”, ou, pelo menos, “impróprios para menores”: a morte, o desquite, questões ecológicas e políticas – enfim, problemas de nossa sociedade. (CUNHA, 2003, p. 101).

A partir disso podemos ver que as histórias para essas crianças e adolescentes, já abordam temas sociais e, assim, ajudam através da literatura, a enfrentarem os problemas reais e não como as fases anteriores, utilizando fantasias e contos de fadas.

A autora Lygia Bojunga, aborda assuntos sociais implicitamente através de suas obras para crianças e adolescentes, como por exemplo, *Corda Bamba*, *A Bolsa Amarela*, entre outras. São assuntos que são vistos pelas entrelinhas das narrativas, como morte, superação, aceitação, etc.

A obra *A Culpa é das Estrelas*, do autor John Green, foi e é ainda muito lida e assistida pelos adolescentes, jovens e adultos, trata de um tema que é bastante visto na sociedade atual: o câncer. O autor aborda de forma dinâmica e leve, trazendo romance e em algumas partes a descontração, mas sem deixar de tratar da doença que os protagonistas possuem e, além disso, também trata da morte e como aceita-la.

Podemos citar também como exemplo um famoso livro da literatura estrangeira da autora Jojo Moyes, o livro *Como eu era antes de você*, ganhou bastante destaque por ser uma obra que foi muito adquirida tanto pelos adolescentes, quanto pelos adultos, a obra ganhou uma versão cinematográfica. Trata de um romance entre um tetraplégico e sua cuidadora, e o que podemos destacar é a condição do protagonista e a morte.

A partir desses exemplos, podemos perceber que os autores sabem como trazer uma história para o público mais jovem que seja dinâmica, emocionante e realista para os leitores sem ser uma narrativa pesada, triste, mas que trata de assuntos que estão presentes em nossas vidas. A literatura infanto-juvenil é capaz de transportar o leitor para outras dimensões, outros mundos mantendo-os no mesmo lugar, através dos livros. Permite que as crianças e jovens descubram outros mundos, se divirtam, se emocionem, a partir da literatura que é um mundo mágico para se experimentar.

#### **4 RAQUEL E SUAS VONTADES: REPRESENTANDO A INFÂNCIA**

Na literatura infantil, é muito importante respeitar a imaginação da criança, pois na infância é o momento em que a criança está em desenvolvimento, ela está sendo formada e aqui veremos que a autora Lygia Bojunga Nunes, através de suas obras vem para influenciar essa formação da criança como cidadã e que é através dessa leitura que a criança vai se tornar um ser crítico. A criança precisa ter espaço e liberdade para formar sua opinião, seu senso crítico como cidadã em nossa sociedade.

Lygia é uma autora brasileira da literatura infantil e juvenil que sabe como retratar esse respeito, pois além de valorizar a infância, a autora valoriza qualquer tipo de pessoa, que, pela sociedade às vezes sofre preconceito,

precisa lidar com as limitações da construção social e, de certa forma, não são tão reconhecidas como integrantes de uma sociedade crítica, como escreve Cademartori (2006):

Lygia Bojunga Nunes, através das personagens e das situações que arma, questiona valores estabelecidos, demolindo arraigados preconceitos contra a mulher, contra o velho, contra o artista, contra a criança – e propondo novos estabelecimentos em relações entre as pessoas. (CADEMARTORI, 2006, p. 64).

Assim, podemos perceber que ela trata em sua obra analisada nesta pesquisa, a exclusividade da vida de personagens que não são tão comuns como nas narrativas tradicionais que vemos direcionadas a Literatura Infantil e Juvenil. Podemos identificar que uma das marcas exclusivas transmitidas pelas obras de Lygia Bojunga é a presença de crianças que levam uma vida considerada normal em nosso cotidiano, ao contrário do que costumamos encontrar na literatura infanto-juvenil, ou seja, para Lygia, é considerada a descrição de narrativas que envolvam princesas e heróis.

Lygia Bojunga é a escritora de várias obras, como por exemplo, *Corda Bamba*, *Os Colegas*, *Sofá Estampado*, entre outras. E a narrativa que iremos analisar é *A Bolsa Amarela*.

A autora trabalha com temas que são muito comuns na vida social que qualquer pessoa pode está vivenciando no seu dia a dia, sendo criança, jovem, adulto ou idoso, trabalhando com a imaginação, mas sem deixar de lado a realidade, como afirma Cademartori (2006):

O mundo ficcional de Lygia se arma a partir da infância, mas atinge temas adultos como as relações de poder e a repressão à liberdade de expressão no contexto social. Propiciando ao pequeno leitor a identificação com situações que afetam as personagens infantis e que, por encontrarem eco nas vivências da criança que lê, permitem adesão ao mundo ficcional, a narrativa de Lygia, pela condução do enredo e pelo desfecho, permite a catarse de seu leitor, uma vez que propicia, com a identificação, uma descarga emocional. (CADEMARTORI, 2006, p. 64).

Além disso, as histórias trabalham em dois aspectos que são muito importantes na vida de uma criança, segundo a autora Lígia Cademartori (2006, p. 65): “*De modo especial, seus textos põem na berlinda duas instituições que chamam a si a reponsabilidade de ensinar: a escola e a*

*família.*”, dois meios sociais que fazem parte da vida de qualquer criança, ou melhor, de qualquer pessoa. Não é em toda obra que ela aborda esses dois temas simultaneamente, em *A Bolsa Amarela*, ela trata com mais ênfase a questão familiar, mas em poucos trechos cita sobre a escola.

Seus textos abrangem formas significativas de modos de superação, de resistência, além do mais “*A autora apresenta como valores de inventividade, o companheirismo e o diálogo*” (CADEMARTORI, 2006, p. 64), como vemos na personagem principal do livro *A Bolsa Amarela*, Raquel busca meios de dialogar com objetos que ela guarda em sua bolsa, pois ela não dialoga muito com os membros da sua família por serem adultos que não têm tempo para ela.

Na narrativa a protagonista *Raquel*, aparenta ter entre 8 a 11 anos de idade, vive com seu pai, sua mãe, duas irmãs e um irmão. A personagem tem três vontades que são muito fortes e desejadas por ela: 1) Vontade de ser gente grande; 2) Vontade de ser menino e 3) Vontade de escrever. Mas devemos nos atentar a essas vontades da personagem e analisar o porquê delas. Segundo a personagem, essas vontades quando estão fortes, elas “engordam”, no primeiro capítulo, ela já mostra a necessidade de encontrar um lugar para suas vontades: “*Eu tenho que achar um lugar pra esconder minhas vontades.*” (BOJUNGA, 2005, p. 9). Podemos perceber que a imaginação da criança é tão rica que ela transforma a vontade que não é palpável, em algo que se assemelha a algum tipo objeto. As vontades são guardadas em nossa mente e não em algum recipiente.

Na primeira vontade, que é a de ser gente grande, Raquel a deseja muito, pois vive numa casa que só possui pessoas, ou jovens, ou adultas e ela é uma criança e, sendo assim, ela não pode contar com ninguém para brincar, não pode sair para encontrar amigos para se divertir. Ela sofre certo tipo de rejeição pelos familiares que convivem com ela. Aparentemente, Raquel foi uma filha que não foi planejada, em uma das cartas que ela escreve ao amigo imaginário *André* ela relata depoimentos que ouve dentro de casa:

Querido André



Quando eu nasci, minhas duas irmãs e meu irmão já tinham mais de dez anos. Fico achando que é por isso que ninguém aqui em casa tem paciência comigo: todo mundo já é grande há muito tempo, menos eu. Não sei quantas vezes eu ouvi minhas irmãs dizendo: “A Raquel nasceu de araque. A Raquel nasceu fora de hora. A Raquel nasceu quando a mamãe não tinha mais condição de ter filho.” Tô sobrando, André. Já nasci sobrando. É ou não é? (BOJUNGA, 2005, p. 11).

Raquel tem a vontade de ser adulta, possivelmente, para poder tentar se inserir no cotidiano, na interação de sua família. Como qualquer criança, ela precisa de atenção e cuidados que não lhes são transmitidos dentro de sua casa. A criança precisa ser assistida em todos seus modos de viver, pois é um ser inocente e dependente dos adultos, ela precisa ter várias oportunidades de ser compreendida através de sua imaginação (elemento muito presente no desenvolver da criança). Como a personagem cita em outra carta para seu amigo imaginário *André*, ela é privada de sair e brincar:

Oi, André! (...) Não posso trazer nenhuma colega aqui: ela cisma que criança faz bagunça em casa. Não posso nunca ir na casa de ninguém: ela sai, passa a chave na porta, diz que vai comprar comida (ela vai é namorar) e eu fico aqui trancada pra atender telefone e dizer que ela não demora. Bem que eu queria pular a janela, mas nem isso dá pé: sexto andar. (BOJUNGA, 2005, p. 12 – 13).

Os pais trabalham, o irmão estuda, a irmã trabalha e a outra irmã que deveria ficar em casa para cuidar da criança sai e a deixa sozinha. Ou seja, Raquel é uma criança sozinha, desse modo, a única escapatória para se ter uma infância razoável é usar a imaginação.

A segunda vontade de Raquel era de ser menino. Uma vontade um pouco peculiar, mas tão inocente que nem se pode dizer que é uma vontade que deva ser levada a sério. Quando Raquel estava lendo uma das respostas em carta do seu amigo inventado *André*, seu irmão toma dela: “*Ele me arrancou a carta.*” (BOJUNGA, 2005, p. 15), acha que a menina está de namoradinho. Ela tenta se explicar dizendo que é um amigo que ela inventou, mas seu irmão não acredita:

-- E por que é que você inventou um amigo em vez de uma amiga?

-- Porque eu acho muito melhor ser homem do que mulher./ Ele me olhou bem sério. De repente riu:

-- No duro?

-- É, sim. Vocês podem um monte de coisas que a gente não pode. Olha: lá na escola, quando a gente tem que escolher um chefe pras brincadeiras, ele sempre é um garoto. Que nem chefe de família: é sempre o homem também. Se eu quero jogar uma pelada, que é tipo do jogo que eu gosto, todo mundo faz pouco de mim e diz que é coisa pra homem; se eu quero soltar pipa, dizem logo a mesma coisa. (...) A gente tá sempre esperando vocês resolverem as coisas pra gente. Você quer saber de uma coisa? Eu acho fogo ter nascido menina. (BOJUNGA, 2005, p. 16 – 17)

Apesar de toda essa explicação que Raquel tentou dar a seu irmão, ele não acreditou. A partir desse trecho podemos perceber que a autora também tenta mostrar através da fala de Raquel questões machistas que são vivenciadas na sociedade, tanto da época em que foi redigida a primeira edição do livro (1976), quanto nessa edição que está sendo referenciada (2005). Não só nesses períodos, mas vemos também nos dias atuais.

A terceira vontade, consideramos a mais importante para ser desenvolvida na infância, que é a de ser escritora. Como vemos no decorrer da narrativa, a personagem é constantemente repreendida pelos mais velhos que convivem com ela, segundo a autora Cademartori (2006, p. 64): “*As personagens infantis dessa autora são constrangidas por diversas repressões, mas as enfrentam e vencem através da criação.*”. Essa criação na obra aqui analisada é a literatura, que é uma forma que Raquel encontra de se distrair, de imaginar escrevendo, nem que seja para seus amigos imaginários, *André*, *Lorelai*. De acordo com Cademartori (2006, p. 64): “*Literatura, teatro, pintura são expressões através das quais as personagens encontram a si e ao outro.*”. Na narrativa, segundo Raquel, é a sua vontade de escrever que mais cresce para ela, é o que Raquel faz de melhor mesmo quando sua família não a apoia e, pelo contrário, impõe que ela pare de inventar histórias e pessoas. Quando ela não tinha apoio, seu irmão fazia piada no almoço em família sobre a carta que ela havia escrito para o *André*:

Quando eu acabei, eles bateram palmas e o tio Júlio me disse:

-- Eu soube que você andou escrevendo um romancinho.

-- Conta como era a história – o meu irmão falou. Fez ar de riso e piscou meio disfarçado pro tio Júlio. (BOJUNGA, 2005, p. 71).

Percebemos que a família, não a leva a sério. Nesse mesmo almoço em família, eles pedem que Raquel cante, dance, seja uma distração por ser a única criança no local, o primo dela que também estava presente já era um adolescente de 14 anos. Em lugar nenhum que frequentava com a família, ela encontrava alguma criança para brincar.

A tia *Brunilda* certa vez fez doações de roupas, calçados e acessórios para a família de Raquel, sendo que das roupas e sapatos nada servia nela, a única coisa que restou para ela foi uma bolsa amarela. A partir daí começa a crescer mais ainda sua imaginação, e também ela passa a escrever mais histórias sobre suas aventuras com os objetos que ela guarda na bolsa amarela, como por exemplo, um alfinete de fralda de bebê, um guarda chuva quebrado, e também guarda suas vontades nela. Segundo a protagonista, até um galo cabe em sua bolsa, ele chama-se *Afonso*, e torna-se um dos seus melhores amigos. A história segue com as aventuras que ela inventa com seu amigo *Afonso*, o primo do galo, o Guarda-Chuva (que ela acha quebrada, mas no decorrer da história ela consegue consertar), e sua bolsa amarela.

Como na maioria das obras de Lygia Bojunga, no desfecho da história, há uma superação. Raquel consegue superar a vontade de ser menino e de ser gente grande, as deixa serem livres, tanto que transformou em pipas: “*Abri a bolsa amarela e tirei minha vontade de ser menino e minha vontade de ser grande. Elas tinham emagrecido tanto que pareciam até de papel.*” (BOJUNGA, 2005, p. 131), também jogou fora os nomes dos amigos imaginários que ela havia inventado. E, sobre a vontade de ser escritora ainda prevaleceu:

-- E a tua vontade de escrever?  
-- Ah, essa eu não vou soltar. Mas sabe? Ela não pesa mais nada: agora eu escrevo tudo que eu quero, ela não tem tempo de engordar. (BOJUNGA, 2005, p. 132).

Então podemos perceber que as vontades de uma criança, por mais simples que sejam, devem ser respeitadas, pois as lembranças que são construídas na infância tem a colaboração dos adultos e quando eles não fazem parte do crescimento da criança, ela cresce solitária. Não foi o caso de Raquel, pois ela usou muito a imaginação, mas não cresceu brincando com

amigos e nem conhecendo muitas crianças. Porém ela deu vida a objetos e a animais (galos, peixes) e assim pôde ser feliz com apenas uma bolsa guardando suas vontades, seus objetos falantes e seu amigo Afonso, criando suas histórias como escritora e dando exemplo de superação e aceitação para o público que lê a obra e, em alguns casos, se identificam com Raquel.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O desenvolvimento da presente pesquisa possibilitou um estudo analítico voltado para as diversas possibilidades enraizadas na imaginação das crianças. Como aporte deste trabalho utilizamos uma pesquisa bibliográfica com o intuito de consolidar o que já havíamos identificado na obra escolhida para análise.

Através desta pesquisa pudemos perceber que infância na vida do ser humano é uma fase de extrema importância onde começa a desenvoltura em vários âmbitos da vida social, educacional e pessoal, tudo isso com a ajuda da leitura, através da literatura.

Assim, podemos considerar a literatura infantil e juvenil a mais importante desde o século XVII até a contemporaneidade. Esse campo literário é essencial para a formação do ser humano e ajuda na construção de um bom letramento. Através da imaginação proporcionada pela literatura, a criança é capaz de criar e visualizar novos mundos, novas possibilidades e, assim poderá se tornar uma pessoa com um senso crítico que distinguirá das demais pessoas que não obteve uma construção pessoal através de leituras. Quanto mais uma criança se torna leitora, mais conhecimento ela poderá adquirir.

Neste trabalho vimos a origem da literatura infantil e juvenil apresentada por diversos autores, também vimos o contexto e a utilidade desse viés literário na formação infantil. Podemos ver as faixas etárias para a inserção de obras nas fases que foram caracterizadas pela autora Maria Antonieta Antunes Cunha, e assim pudemos ver as características presentes nas narrativas que são definidas a partir dos gêneros textuais, como por exemplo, as fábulas para as idades iniciais, os romances de aventura para criança a partir dos 8 anos de

idade, as histórias que tratam da realidade, como a morte e doenças, para crianças a partir de 11 anos.

A obra em análise nesta pesquisa é da autora Lygia Bojunga, *A Bolsa Amarela*, um livro que teve lançamento em 1976 e ainda trata de uma narrativa que é bastante contemporânea, abordando aspectos que são vistos na sociedade da época e na atual. Lygia lança nesta obra um novo modelo de família que é composto por uma criança que vive entre cinco adultos e nota-se que aparentemente a protagonista foi concebida através de uma gravidez não planejada, sendo assim evidenciada na narração da criança e, podemos observar que os adultos não gostam muito de dar atenção a ela, mesmo quando não estão ocupados, em uma das cartinhas que Raquel escrevia para seus amigos imaginários, ela conta que as vezes os adultos preferem assistir televisão do que brincar com ela. Desse modo, podemos ter uma breve noção de quais são os sentimentos de uma criança que não tem muita atenção de seus familiares, as pessoas que deveriam fazer parte de seu desenvolvimento.

Contudo, este trabalho traz pontos relevantes que devem ser notados na infância e na adolescência, podendo assim, acompanhar o desenvolvimento das crianças e jovens, incentivando-os a leitura, a escrita para que assim possam se desenvolver em qualquer meio no decorrer de suas vidas, sendo no meio social, familiar, escolar, político, entre outros.

Através das constatações evidenciadas, identificamos uma conexão referente aos elementos que constituem a literatura infantil e juvenil. Por meio desses elementos, a referida literatura pode ser entendida como única e transformadora, sendo capaz de desenvolver nos leitores e ouvintes uma reflexão acerca da progressão de conhecimento adquirido mediante a intensificação da leitura.

## REFERÊNCIAS

BOJUNGA, Lygia. *A Bolsa Amarela*. 33ª ed., 7ª reimpr. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2005.

CADEMARTORI, Lígia. *O que é literatura infantil*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

COLOMER, Teresa. *Introdução à Literatura Infantil e Juvenil*. São Paulo: Global, 2017.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *A narrativa para crianças*. In *Literatura infantil: teoria & prática*. 18. ed. São Paulo: Ática, 2003.

ITAÚ – HISTÓRIAS: KIDSBOOK. Itáú Crianças. Disponível em: <https://www.euleioparaumacrianca.com.br/livros/>. Acesso em: 25 de outubro de 2019, as 18 h e 02 min.

QUINTANA, Mario. *80 anos de poesia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

ZILBERMAN, Regina. **Dos contos tradicionais ao folclore**. In *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.